

As cristãs novas e as práticas e interditos alimentares judaicos no Portugal moderno*¹

Isabel M. R. Mendes Drumond Braga

Resumo: Perceber, a partir de documentos do Santo Ofício da Inquisição, o papel das mulheres nos sinais de identidade e de diferença face à alimentação praticada pelo grupo minoritário dos cristãos-novos portugueses dos séculos XVI e XVII, eis o desafio deste texto.

Palavras-chave: Alimentação. Cristãs Novas. Inquisição.

Abstract: This text aims at understanding the role of women in the signals of identity and difference before the feeding practiced by the minor group of the Portuguese new-Christians of the 16th and 17th centuries according to Inquisition documents.

Keywords: Feeding. New Christians. Inquisition.

* Uma versão mais reduzida deste texto foi apresentada ao *Congresso Fazendo Género 8. Seminário Temático Alimentação e Género* – Florianópolis (Santa Catarina), ago. de 2008.

PESET, Jean-Marie. A História da Cultura Material. In: *A Nova História*. Direcção de Jacques Le Goff, Roger Chartier e Jacques Revel. Tradução de Maria Helena Arinto, Rosa Esteves. Coimbra: Almedina, 1990, p. 110-143.

Isabel M. R. Mendes Drumond Braga. Professora auxiliar com agregação e nomeação definitiva na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. isabeldrumondbraga@hotmail.com

¹ Texto recebido: 28/10/2008.
Texto aprovado: 05/11/2008.

² *Idem*, p. 110-143.

1. Se bem que a ideia de cultura material remonte ao século XIX², foi só a partir do momento em que a historiografia francesa entendeu as práticas do quotidiano como matérias integrantes da área de estudos dos historiadores, que muitos trabalhos foram marcando presença, de entre os quais os que se referem à história da alimentação. Efectivamente, foi com Fernand Braudel, historiador da segunda geração dos *Annales*, que, a partir dos anos 50 do século XX, ao desenvolver o conceito de cultura material, se abriram as portas a aspectos tão diversificados como a alimentação, a casa e o vestuário. A sua obra em três volumes, *Civilização Material, Economia e Capitalismo (séculos XV-XVIII)*, apresentou como subtítulo do primeiro *As Estruturas do Quotidiano. O Possível e o Impossível*. Neste texto, publicado pela primeira vez em 1967, o historiador empenhado em explicar as economias pré-industriais, dedicou dois longos capítulos aos alimentos essenciais e aos de luxo. Insistindo no que denominou civilização material, chamou a atenção para o facto de a mesma se apresentar omnipresente, invasora e repetitiva e justificou a introdução dos temas do quotidiano no âmbito da história, ao escrever: “Será útil? Será necessário? A quotidianidade são os factos miúdos que quase não deixam marca no tempo e no espaço. Quanto mais se encurta o espaço de observação, mais aumentam as oportunidades de nos encontrarmos no próprio terreno da vida material [...]. Será fútil? É ao longo de pequenos incidentes, de relatos de viagem que uma sociedade se revela. A maneira de comer, de vestir, de habitar, para os diferentes estratos, nunca é indiferente”³. Antes, em 1961, num artigo intitulado “Alimentation et Catégories de l’Histoire”, já Braudel marcara posição ao considerar plantas, animais e receitas culinárias como bens culturais, chamando a atenção para a necessidade de os analisar na longa e na curta duração⁴.

Apesar de em Portugal a história da alimentação estar a dar os seus primeiros passos⁵, alguns trabalhos

³ BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo (séculos XV-XVIII)*, v. 1 (As Estruturas do Quotidiano. O Possível e o Impossível). Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992, p. 13.

⁴ _____. Alimentation et Catégories de l’Histoire. *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*, v. 16, n. 4, Paris, 1961, p. 723-728. Novamente publicado In: *Food and History*, v. 1, n. 1, Tours, 2003, p. 23-30.

⁵ DRUMOND BRAGA, Isabel M. R. Mendes. Alimentação e Sociabilidade à Mesa: um percurso historiográfico recente. 1.º Colóquio de História e Cultura da Alimentação: *Saber e Sabor...História, comida e identidade* – Curitiba (PR), 2007, no prelo.

realizados a partir de fontes diversas, tais como livros de ucharia e de receitas culinárias, iconografia, relatos de estrangeiros, inventários de bens e outras permitem começar a conhecer as práticas alimentares e a sociabilidade à mesa durante a Época Moderna⁶. Efectivamente, a alimentação quinhentista manteve a maior parte das características da que se praticava durante a Época Medieval. Apenas o uso exagerado de açúcar e de especiarias entre os privilegiados revelou algumas diferenças, uma vez que a integração dos produtos americanos na dieta mediterrânica, isto é, a principal diferença entre a alimentação medieval e a alimentação moderna, deu-se de forma progressiva e lenta, só tendo cabal significado no século XVIII, com a divulgação generalizada da maior parte dos produtos⁷. Assim, a trilogia pão, vinho e carne continuou a ser uma realidade atestada por diversas fontes. A abundância e a diversidade das espécies ictiológicas permitiam que o peixe fosse um dos alimentos presente na dieta alimentar de ricos e pobres⁸, tanto mais que, os dias de jejum e abstinência prescritos pela Igreja eram em número elevado⁹, o que levou alguns autores a salientar a influência daquela instituição no consumo das populações¹⁰. Por outro lado, não esqueçamos que o peixe ocupou um lugar de relevo no regime alimentar das comunidades monásticas, um pouco por todo o lado¹¹.

Desde o século XVI, começou a ser visível, ainda que tenuemente, a relação entre certos pratos e determinadas épocas festivas. O consumo estava condicionado ao poder económico (abastado, remediado ou pobre), à época do ano (Verão ou Inverno, época de certos frutos ou de caça de algumas espécies) e à localização geográfica do consumidor (litoral ou interior com ou sem cursos fluviais por perto), apesar de se tentar preservar os alimentos por mais tempo do que a época em que eram caçados, abatidos, pescados ou colhidos, através do fumo, do sal, da seca e do açúcar, consoante os géneros em

⁶ Sobre estas realidades para os séculos XVI e XVII, cf. MARQUES, A. H. de Oliveira. *A sociedade medieval portuguesa*. Aspectos de vida quotidiana, 4. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1981, p. 7-22; ARNAUT, Salvador Dias. *A arte de comer em Portugal na Idade Média*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986; SANTOS, Maria José Azevedo. O mais antigo livro de cozinha português. Receitas e sabores. A alimentação em Portugal na Idade Média. *Fontes, Cultura. Sociedade*. Coimbra [s.n.], 1997, p. 35-66; *Idem*, *Jantar e Cear na Corte de D. João III*, leitura, transcrição e estudo de dois livros de cozinha do Rei (1524 e 1532), Vila do Conde, Coimbra, Câmara Municipal de Vila do Conde, Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2002; OLIVEIRA, João Carlos. *A alimentação, Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*. Coordenação de João José Alves Dias (*Nova História de Portugal*, direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, vol. 5), Lisboa: Presença, 1998, p. 618-626; DRUMOND BRAGA, Isabel M. R. Mendes. À mesa com grão vasco. Para o estudo da alimentação no século XVI, *Mathesis*, v. 16, Viseu, 2007, p. 9-59; DUARTE, Marco Daniel. O rei preside à ceia. Estudo iconológico da mesa real na idade média, economia, sociedade e poderes. *Estudos em homenagem a Salvador Dias Arnaut*. Vila Nova de Gaia: Ausência, 2004, p. 705-751; *Idem*, Entre a mesa do rei e o altar de

Deus. O aparato cénico da mesa real através da pintura dos séculos XV a XVIII. *Actas do Congresso Saberes e Sabores*. Coordenação de Helena Gil e Florinda Gomes, [s.l.]. Direcção Regional da Cultura do Norte, 2006, p. 97-123; *Idem*, Elementos simbólicos da cultura da alimentação na arte medieval e moderna (Exemplário Breve), *Turres Veteras IX*. História da Alimentação. Coordenação de Carlos Guardado da Silva, Torres Vedras, Câmara Municipal. Lisboa: Colibri, 2007, p. 93-114.

⁷ DRUMOND BRAGA, Isabel M. R. Mendes. *A herança das Américas em Portugal*. Trópico das cores e dos sabores. Lisboa: CTT Correios, 2007.

⁸ _____. O peixe na dieta alimentar dos portugueses. *Do primeiro almoço à ceia*. Estudos de História da Alimentação. Sintra: Colares, 2004, p. 35-59.

⁹ Sobre estes dois conceitos, cf. POMMAREDE, Pierre. Le jeûne et l'abstinence. *Du bien manger et du bien vivre à travers les âges et les terroirs*. Pessac: Maison des sciences de l'homme d'Aquitaine, 2002, p. 83-93. Sobre a vivência dos dias de jejum e abstinência em Portugal, cf. A. H. de Oliveira Marques. *A mesa. A sociedade medieval portuguesa*. Aspectos de vida quotidiana. Lisboa: Sá da Costa, 1981, p. 10 e COELHO, Maria Helena da Cruz. Quaresma. *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. [v. 4]. Direcção de Carlos Moreira Azevedo. Lisboa:

Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores, 2000, p. 86-87. A diversidade de espécies teve paralelo, por exemplo, em Castela e Aragão, onde a variedade de peixes consumidos também era uma realidade. Cf. SAMPER, María de los Angeles Pérez. *La alimentación en la España del siglo de oro*. MACERAS, Domingo Hernández de. 'Libro del arte de cocina'. Huesca: La Val de Onsera, 1998, p. 73-74; GARCIA, L. Jacinto. *Carlos V a la mesa*. Cocina y alimentación en la España renacentista, [s.l.]. Breman, 2000, p. 54.

¹⁰ MUTGÉ, Josefa i VIVES, L'abastament de peix i carn a Barcelona, en el Primer Terç del segle XIV. *Alimentació i societat a la Catalunya medieval*. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1988, p. 110.

¹¹ IGNACE, Jean-Claude. Yan Laborie. Approche du régime alimentaire des moines dans les couvents Franciscains, Dominicains et Carmes de Bergerac à la fin du XVIII siècle. *Du bien manger et du bien vivre à travers les âges et les terroirs*. Pessac: Maison des sciences de l'homme d'Aquitaine, 2002, p. 263-299.

causa. Paralelamente, começaram a ligar-se certas iguarias ao calendário litúrgico. Sabe-se, por exemplo, que pelo Carnaval era comum consumir laranjadas e caldeiradas de água de farelos¹² e que, durante a Páscoa, eram preparadas rosquilhas folhadas com manteiga, queijadas, folares e cortiças de ovos¹³. No convento de Santa Clara, de Santarém, amêndoas confeitas, beilhões, biscoitos, folares, ovos mexidos com açúcar, pão-de-ló, queijadas de leite, e queijadinhas das Endoenças marcavam presença na mesa das religiosas¹⁴. Ao Natal estavam associados os consumos de doces diversos, que em Lisboa eram vendidos por 30 mulheres na Ribeira e no Pelourinho Velho. Em mesas cobertas de toalhas brancas eram apresentados gergelim, pinhoada, nogada, marmelada, laranjada, sidrada e fartéis, isto é, bolos de açúcar e de amêndoas, além de outras conservas¹⁵. Por seu lado, na mesma época festiva, na mesa das já referidas freiras de Santa Clara, de Santarém, estavam presentes doces diversos, tais como arroz doce, beilhões e chouriços doces, ambos melados com mel e açúcar, diacidrão, fartéis, malazadas, massapães, pão de calo, picado e queijadinhas¹⁶. Outros eram os manjares festivos das freiras clarissas do mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação, do Funchal: argolinhas, batatada, bolos de mel, pão-de-leite e chouriços doces pelo Natal, sonhos pela entrada da Quaresma e talhadas de amêndoa, coscorões e arroz doce pela Páscoa¹⁷. Já no mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, igualmente de clarissas do Funchal consumiam-se sonhos pela Quaresma, bolos de mel pelo Natal, arroz doce no domingo de Ramos e chocolate no domingo de Páscoa¹⁸. Outro aspecto interessante, que será mais visível a partir do século XVII, é a ligação entre determinados espaços e produtos considerados bons. Pensemos nos doces de Alcobaça e Leiria¹⁹, juntemos os da Madeira e as lampreias de Abrantes e de Coimbra, que eram consumidas assadas ou em empadas por quem morava longe de tais sítios²⁰.

¹² LOUREIRO, Francisco de Sales. *Uma jornada ao Alentejo e ao Algarve*. A alteração das linhas de força da política nacional. *Texto do cronista João Cascão*. Lisboa: Horizonte, 1984, p. 121.

¹³ DRUMOND BRAGA, Isabel M. R. Mendes. A alimentação das minorias no Portugal quinhentista. *Do primeiro almoço à ceia*. Estudos de História da Alimentação. Sintra: Colares, 2004, p. 30.

¹⁴ ROCHA BEIRANTE, Maria Ângela V. da. *Santarém Quinhentista*. Lisboa, [s.n.], 1981, p. 247-252.

¹⁵ BRANDÃO, João (de Buarcos). *Grandeza e abastança de Lisboa em 1552*. Organização e notas de José da Felicidade Alves. Lisboa: Horizonte, 1990, p. 87.

¹⁶ ROCHA BEIRANTE, Maria Ângela V. da. *Op. cit.* p. 247-252.

¹⁷ FONTOURA, Otilia Rodrigues. *As Clarissas na Madeira*. Uma presença de 500 anos. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000, p. 199-201.

¹⁸ *Idem*, p. 346.

¹⁹ DRUMOND BRAGA, Isabel M. R. Mendes. A alimentação das minorias [...], p. 30.

²⁰ *Idem*.

²¹ Sobre a situação dos judeus na Europa Medieval, cf. RICHARDS, Jeffrey. *Sex, dissidence and damnation. Minority Groups in the Middle Ages*. Londres, Nova Iorque, Routledge, 1990, p. 88-115; FERNANDEZ, Luis Suarez. *La expulsión de los judíos de España*. Madrid: Mapfre, 1992, p. 63-89; N. Coulet. *La malédiction de Babel. Histoire des étrangers et de l'immigration en France*. Direcção de Yves Lequier. Paris: Larousse, 1982, p. 185-191; CONTRERAS, Jaime. *Los primeros años de la inquisición: Guerra civil, monarquía, messianismo y heresia. El Tratado de Tordesillas y su Época*. Congreso Internacional de Historia, v. 2, [s.l.]. Sociedad V centenario del tratado de Tordesillas, 1995, p. 685.

²² *Ordenações Manuelinas*, reprodução *fac-simile* da edição de 1797. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, livro II, tít. 41, p. 212-214. Sobre esta questão cf. DIAS, João José Alves, DRUMOND BRAGA, Isabel M. R. Mendes, DRUMOND BRAGA, Paulo Drumond. *A conjuntura. Portugal do renascimento à crise dinástica (Nova História de Portugal*. Direcção de Joel Serrão e de A. H. de Oliveira Marques, v. 5). Lisboa: Presença, 1998, p. 721-724.

²³ *Os judeus portugueses e a expulsão*. Catálogo da Exposição evocativa dos 500 anos da Expulsão dos judeus de Portugal. Coordenação de Lúcia Liba Mucznik. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1996, p. 25.

Ainda que com grandes pinceladas, este é o quadro básico dos consumos dos cristãos velhos, sem esmiuçar as diferentes inerentes aos indivíduos com poder económico diverso. O que poderemos afirmar em relação à alimentação dos cristãos novos, a mais importante minoria residente em Portugal? Começemos por contextualizar, seguidamente tentaremos dar resposta à pergunta.

2. A minoria judaica em Portugal conheceu um percurso atribulado, porém semelhante ao que antes acontecera em outros pontos da Europa²¹. Recordemos que D. Manuel I assinou, em Muge, a 5 de Dezembro de 1496, uma “carta patente” em que mandou que todos os judeus e mouros saíssem de Portugal até 31 de Outubro de 1497²². Como se temessem ataques contra os judeus, o rei colocou-os, nesse mesmo dia, sob a sua protecção, para que ficassem “mais seguros, honrados, bem tratados, assim de feito como de palavra do que até aqui eram”²³. Não restam hoje dúvidas de que D. Manuel I não pretendia a saída, na totalidade, dos judeus de Portugal. Se o documento de 1496 dava a liberdade de êxodo aos filhos de Israel, logo se colocaram entraves ao mesmo, ao contrário do que aconteceu com os mouros, a outra minoria também abrangida pelo édito de expulsão.

Para dificultar as saídas, começou por se limitar os barcos em que podiam partir, para depois se restringirem os portos de embarque, para além de se passar a exigir a permissão real para a saída. De três portos determinados funcionou apenas um, o de Lisboa. Para reforçar a conversão, tiraram-lhes os filhos, que foram baptizados à força. Seguiu-se o baptismo forçado dos adultos, que ficaram conhecidos como os “baptizados em pé”. Tentava-se, por tudo, a conversão, em vez da saída. D. Manuel I chegou a publicar, em Maio de 1497, uma lei em que se comprometia a não deixar inquirir sobre os

comportamentos religiosos no espaço de vinte anos, lei essa que voltou a ser renovada em 1512, por mais 16 anos. Aos poucos foram-lhes tomadas as sinagogas, embora a prática da religião judaica ainda fosse legal, mas caminhando já para a clandestinidade²⁴.

Uma minoria optou pela saída do reino ao longo dos séculos XVI e XVII. Os destinos preferidos foram o Norte de África²⁵, o Oriente, onde se espalharam sobretudo por Goa, Cochim e Ormuz, mas também, em menor número, por Cambaia, Baçaim, Chaul, Cabo Comorim, São Tomé, Bengala, Pegu, Tanassarim, Malaca, Sião, Maluco, Japão, China e diversas terras do Malabar, para além de terem a possibilidade de passarem para zonas fora do controle português²⁶; e várias zonas da Europa, especialmente as cidades italianas²⁷, os Países Baixos²⁸, a França²⁹ e vários outros destinos europeus e até americanos³⁰. Em suma, fugas para zonas de maior liberdade e tolerância religiosas. Raros foram os que enveredaram pelo percurso inverso³¹. Para os que ficaram e mantiveram secretamente o culto judaico, os problemas com o Santo Ofício foram uma constante, de tal modo que o judaísmo foi o delito mais significativo durante os séculos XVI e XVII nos tribunais de distrito de Portugal continental³².

Numa clara tentativa de camuflar a continuação das práticas judaizantes, a maioria dos cristãos novos sabia rezar as orações dos católicos, conhecia o significado das festas religiosas, ia à missa, confessava-se e, em alguns casos, até chegava a empreender romarias e peregrinações. Se bem que entre as primeiras gerações de convertidos muitos cristãos-novos tenham mantido as práticas religiosas e culturais de uma forma mais evidente do que nos séculos XVII e XVIII, mesmo assim, a documentação do Santo Ofício dá conta de determinados comportamentos padrão que tenderam a manter-se, embora de forma mais fluida ao longo dos tempos. Por exemplo, se em Quinhentos ainda alguns ousavam mandar proceder à circuncisão

²⁴ TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. *Os judeus em Portugal no século XV*, v. 1, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1982, p. 484-500.

²⁵ BERQUÉ, Jacques. Des 'marranos' musulmans à fez? *Mélanges en honneur de Fernand Braudel*, vol. 1 (*Histoire Économique du Monde Méditerranéen 1450-1650*). Paris: Privat, 1973, p. 123-135; LIPINER, Elias Lipiner. Os Conversos refugiados na África quinhentista. Descrição por um autor português Coevo. *Os Baptizados em Pé*. Estudos acerca da origem e da luta dos cristãos-novos em Portugal. Lisboa: Vega, 1998, p. 297-315; *Idem*, A ponte sobre o Estreito. Diligência, no ano de 1627, sobre a vida dos judeus de Ceuta. *Ibidem*, p. 317-328; TAVIM, José Alberto Rodrigues da Silva. *Os judeus na expansão portuguesa em Marrocos durante o Século XVI*. Origens e actividade duma comunidade. Braga: APPACDM Distrital de Braga, 1997. Sobre as fugas dos judeus e cristãos-novos de origem castelhana, cf. MONTENEGRO, Enrique Cantera. El asentamiento de judíos castellanos en el norte de África tras la expulsión de 1492: Causas y consecuencias. *Congreso Internacional El Estrecho de Gibraltar*, v. 2, Madrid, 1988, p. 277-288; KAPLAN, Yosef. La diáspora. Judeo-Española-Portuguesa en el siglo XVII: Tradición, cambio y modernización. *Manuscrits. Revista d'Historia Moderna*, n. 10, Bellaterra,

1992, p. 77-89; ABITOL, Michel. Juifs d'Afrique du nord et expulsés d'Espagne après 1492. *Revue de l'Histoire des Religions*, tomo 210, fasc. 1, Paris, 1993, p. 49-90.

²⁶ No caso concreto do Oriente português, sabemos que os cristãos-novos de origem castelhana ou descendentes de Castelhanos, tal como os portugueses, o procuraram a partir da segunda década do século XVI. A intensificação do afluxo de cristãos-novos ao estado da Índia ligou-se à instabilidade e à insegurança sentida no reino desde que começou a ser posta em prática a política de integração religiosa e se estabeleceu o tribunal do Santo Ofício. No Oriente dispuseram de certa liberdade e tolerância até à devassa que os atingiu em Cochim e em Goa em 1557 e à criação do tribunal inquisitorial de Goa, em 1560. Não é por acaso que o crime de judaísmo é o mais significativo nos primeiros anos da acção do Santo Ofício goês (Cf. BAIÃO, António. *A Inquisição de Goa*, v. 1, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1949), ao contrário do que aconteceu nos séculos XVII e XVIII (Cf. MÁRTIRES LOPES, Maria de Jesus dos. *A Inquisição de Goa na Segunda Metade do século XVIII*. Contributo para a sua História. *Studia*, v. 48, Lisboa, 1989, p. 237-262; *Idem*. *A Inquisição de Goa na primeira metade de setecentos: uma visita pelo seu interior*. *Mare Liberum*,

n. 15, Lisboa, 1998, p. 107-136. Vários cristãos-novos ideo para o Oriente tinham ascendência castelhana, alguns tinham mesmo nascido em Castela, outros já no Oriente (Cf. CUNHA, Ana Cannas da. *A Inquisição no Estado da Índia*. Origens (1539-1560). Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1995; SILVA TAVIM, José Alberto Rodrigues da. Os judeus e a expansão portuguesa na Índia durante o século XVI. O exemplo de Isaac do Cairo: espião, 'língua' e 'judeu de Cochim de Cima'. *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, v. 33, Lisboa-Paris, 1994, p. 137-260). No entanto, os portugueses ao chegarem ao Oriente encontraram também judeus castelhanos que lhe prestaram importantes serviços (Cf. TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. *Judeus, cristãos novos e o Oriente*. *Estudos Orientais*, v. 3, Lisboa, 1992, p. 51-61; *Idem*. *Judeus, cristãos-novos e os descobrimentos portugueses*. *Sefarad*, ano XLVIII, fasc. 2, Madrid, 1988, p. 305; *Idem*. *Los judíos em Portugal*. Trad. de Mario Merlino. Madrid: Mapfre, 1992, p. 235 e 287; SILVA TAVIM, José Alberto Rodrigues da. *A Inquisição no Oriente (século XVI e primeira metade do século XVII)*. Algumas perspectivas. *Mare Liberum*, n. 15, Lisboa, 1998, p. 17-31.

²⁷ Sobre a Itália, cf. YERSUSHALMI, Yosef Haym. *From Spanish court to italian ghetto*. Isaac Cardoso: a study in seventeenth-

century marranism and jewish apologetics. Londres, Nova York, Columbia University Press, 1971; CID, Jesus Antonio. *Judaizantes y carreteros para un hombre de letras*: A. Enriquez Gómez (1600-1663). *Homenaje a Julio Caro Baroja*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1978, p. 271-300; PULLAN, Brian S. The inquisition and the jews of venice: the case of Gaspare Ribeiro, 1580-1581. *Bulletin of the John Rylands University Library of Manchester*, vol. 62, n. 1, Manchester, 1979, p. 207-231; *Idem*. *The jews of Europe and the inquisition of Venice. 1550-1670*. Londres, Nova York, I. B. Tauris Publishers, 1997; ZORATTINI, Pier Cesare Ioly. *The Ribeiros: a sixteenth century family of conversos between two inquisitions: Lisbon and Venice*. *Inquisição*. Ensaios sobre mentalidade, heresias e arte. Organização de NOVINSKY, Anita e CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992, p. 307-317; TOAFF, Ariel. *Ebrei Spagnoli e Marrani nell' Italia del cinquecento*. *Caratteristiche di una mentalità*. *Xudens e conversos na Historia* [...], vol. 1, p. 195-204; SEGRE, Renata. *Les liens économiques et sociaux entre les communautés séphardes d'Italie au XVI^e siècle*. 1492. *L'expulsion des juifs d'Espagne*. Direcção de Roland Goetschel. Paris, Maisonneuve, Larouse, 1995, p. 49-61.

- ²⁸ MORTARA, Saul Levi. *Tratado da verdade da lei de Moisés*. Escrito pelo seu próprio punho em Português em Amesterdão. 1659-1660, edição fac-similada e leitura do autógrafa, com introdução e comentários de H. P. Salomon, [Coimbra]. Universidade de Coimbra, 1988; MENDES, David Franco e MENDES, J. dos Remédios. *Os judeus portugueses em Amesterdão*. Edição fac-similada das edições de 1911 e 1975, com estudo introdutório de M. Cadafaz de Matos e H. P. Salomon. Lisboa: Távola Redonda, 1990; SÃO PAYO, Conde de. Subsídios para a história dos judeus portugueses nos países baixos. O hebreu Diogo Teixeira de Sampaio e a Carta de Brasão do Jonkeer Eduardo Teixeira de Matos. *Arquivo Histórico de Portugal*, v. 2, Lisboa, 1936-1937, p. 445-465; *Idem*, Novos subsídios para a história dos judeus portugueses nos Países Baixos. *Arquivo Histórico de Portugal*, v. 3, Lisboa, 1937-1938, pp. 257-262; FABIÃO, Luís Crespo. Subsídios para a História dos chamados 'judeus portugueses' na indústria dos diamantes em Amsterdão nos séculos XVII e XVIII, *Revista da Faculdade de Letras*, 3.^a série, n. 15, [Lisboa], 1973, p. 455-519; THEMUDO BARATA, SAMPAIO, Maria do Rosário de. A Gazeta de Amsterdam de 1675 e as suas notícias de Portugal. Um centenário esquecido. *Arquivos do Centro Cultural Português*, v. 9, Paris, 1975, p. 287-317; H. P. SALOMON. *Os primeiros portugueses de Amesterdão*. Documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo: 1595-1600, Braga, Barbosa & Xavier, 1983; *Idem*. Myth or Anti-Myth? The Oldest Accounts concerning the origin of portuguese judaism at Amsterdam. *Études Portugaises / Portuguese Studies*, Braga, Barbosa & Xavier, 1991; TEESMA, Benjamin N. Os judeus portugueses em Amesterdão. *Flandres e Portugal na Confluência de Duas Culturas*. Direcção de J. Everaert e E. Stols, [s. l.], INAPA, 1991, p. 275-287; BERFELD, Tirtsah Levie. Policy patterns towards the poor in the spanish portuguese jewish community of the 17th Century Amsterdam. *O judaísmo na cultura ocidental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p. 25-32; TEESMA, B.N. A história social dos judeus sefarditas de Amesterdão dos séculos XVII e XVIII. *Ibidem*, p. 33-46; COELHO, António Borges. Gabriel da Costa: um exilado e banido 'exemplar'. Clérigos, mercadores, "judeus" e fidalgos. *Questionar a História - II*, Lisboa: Caminho, 1994, p. 225-244; AYOUN, Richard. Jerónimo Nunes da Costa. Un diplomate et financier entre Amsterdam et le Portugal au XVII^e siècle. 1492. L'expulsion des juifs [...], p. 111-119; FUKS-MANSFELSD, R. G. La contribution des juifs espagnols et portugais a la typographie juive d'Amsterdam. *Ibidem*, p. 265-275; ISRAEL, Jonathan. *La judería europea en la era del mercantilismo (1550-1750)* [...], p. 71-72, 85-93; KAPLAN, Yosef. La comunidad sefardí de Amsterdam en el siglo XVII: entre la tradición y el cambio". *Judios nuevos en Amsterdam*. Estudios sobre la Historia Social e Intelectual del judaísmo sefardí en el siglo XVII. Barcelona, Gedisa, 1996, p. 23-55; *Idem*. La comunidad sefardí frente al Mundo Askenazí. *Ibidem*, p. 78-106; BODIAN, Miriam. *Hebrews of the portuguese nation*. Conversos and community in early modern Amsterdam. Bloomington (Indianapolis): Indiana University Press, 1997; FRADE, Florbela Cristina Veiga. *As relações económicas e sociais das comunidades sefarditas portuguesas*. O trato e a família (1532-1632). Lisboa. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006.
- ²⁹ CARVALHO, Alfredo de. Os Portugueses em Bordéus no século XVII. *O Instituto*, v. 90, Coimbra, 1936, p. 149-171 (continuado no vol. 91, p. 452-472 e no vol. 93, p. 114-185); SERRA, João Simões. *Subsídios para a história dos judeus portugueses em França*. A Comunidade de Baiona. Lisboa. Dissertação de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, exemplar mimeografado, 1963; NAHON, Gerard. Les "nations" juives portugaises du sud-ouest de la France (1684-1751). *Documents*. Paris: Centro Cultural Português da

Fundação Calouste Gulbenkian, 1981; *Idem*. Le modèle français du marranisme: perspectives nouvelles. *Inquisition: essais sobre mentalidade, heresia e arte* [...], p. 227-265; *Les registres des délibérations de la nation juive portugaise de Bordeaux (1711-1787)*. Introdução e notas de Simon Schwarzfuchs. Paris: Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, 1981; AYOUN, Richard. Un médecin marrane au service de la couronne de France: Elie de Montalto. *Inquisition*. C o m u n i c a ç ã o s apresentadas ao 1.º Congresso Luso-Brasileiro sobre Inquisition. Coordenação de Maria Helena Carvalho dos Santos, vol. 1, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, Universitária Editora, 1989, p. 73-91; *Idem*, Elie de Montalto. Un médecin marrane. *Inquisition: Ensaio sobre mentalidade* [...], p. 292-306; *Idem*. Des Portugais à Bordeaux et à Bayonne à l'époque moderne. *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n.º 1, Lisboa, 2001, p. 9-26; NOVAES, Maria Ignes Correa de. Contribuição para a história da família Henriques-Raba de Bordéus: Joseph Henrique Nunes. Cristão-novo de Trás-os-Montes. *Ibidem*, p. 318-323.

³⁰ AZEVEDO, Pedro de. Denúncias contra os cristãos-novos de Londres contra o Embaixador Português naquela Corte. *Boletim da Segunda Classe*, v. 9, n. 2, Lisboa, 1914, p. 461-464; FREITAS, Eugénio

Andrea da Cunha e. Os judeus portugueses e a aristocracia inglesa. *Presença de Portugal no mundo*. Actas do Colóquio. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1982, p. 87-97; ASCENSO, Carlos André. *Um judeu no desterro. Diogo Pires e a memória de Portugal*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992; TOLLET, Daniel. Les juifs originaires de la Péninsule Ibérique en Europe Centrale et Orientale du XVI^e au XVIII^e siècles. 1492. L'expulsion [...], p. 49-61; LEVI, Joseph Abraham. A diáspora sefardita nas Américas durante os séculos XVII e XVIII. *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n. 1, Lisboa, 2001, p. 27-63; VENTURA, Maria da Graça A. Mateus. Os Gramaxo. Um caso paradigmático de redes de influência em Cartagena das Índias. *Ibidem*, v. 1, p. 65-81.

³¹ Sobre esta temática cf. DRUMOND BRAGA, Isabel M. R. Mendes. Uma estranha diáspora rumo a Portugal: judeus e cristãos-novos reduzidos à fé católica no século XVII. *Sefarad*, ano 62, fasc. 2, Madrid, 2002, p. 259-274; *Idem*. Judeus e cristãos-novos: os que chegam, os que partem e os que regressam. *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n. 5, Lisboa, 2005, p. 9-28.

³² Sobre o crime de judaísmo, cf., especialmente, TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. *Los judíos en*

Portugal. Tradução de Mario Merlino, Madrid: Mapfre, 1992; COELHO, António Borges. *Inquisition de Évora*. Dos primórdios a 1668, 2 vs. Lisboa: Caminho, 1987; AZEVEDO MEA, Elvira Cunha de. *A Inquisition de Coimbra*. A instituição, os homens e a sociedade. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1997; DRUMOND BRAGA, Paulo. *A Inquisition nos Açores*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1997; TAILLAND, Michèle Janin-Thivos. *Inquisition et Société au Portugal*. Le cas du tribunal d' Évora 1660-1821. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 2001; DRUMOND BRAGA, Isabel M. R. Mendes. *Os estrangeiros e a inquisition portuguesa (Séculos XVI-XVII)*. Lisboa: Hugin, 2002, p. 108-120. PINTO, Maria do Carmo Teixeira. *Os cristãos-novos de Elvas no reinado de D. João IV. Heróis ou anti-heróis?*, Lisboa: Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Universidade Aberta, 2003.

dos filhos, o mesmo já não acontecia na centúria seguinte. Já no que se refere à guarda dos sábados, ao uso do amortalhamento ao modo judaico ou à prática de deitar no fogo três pelouros de massa depois de amassar pão, estes preceitos tenderam a continuar.

3. Em termos alimentares, a diferença entre cristãos velhos e cristãos novos de judeus passava não só pelo que faziam como pelo que deixavam de fazer. Isto é, não importava apenas as desigualdades comportamentais pela positiva como também pela negativa. Traços evidentes desta realidade eram quer o consumo de carne em dias defesos pela Igreja quer a celebração de certos jejuns, como os jejuns pequenos das segundas e quintas-feiras, os *thanis*; quer o jejum maior ou do perdão, o *yom kippur*, que durava um só dia, no mês de Setembro; o *tissa-be-ab*, celebrado durante nove dias do mês de Julho, ou ainda o *Purim*, ou jejum da Rainha Ester, três dias em Fevereiro ou Março, durante os quais se jejuava durante todo o dia, só se comendo à noite, depois do aparecimento da estrela; tal como nas restantes abstinências judaicas. Nos dias de jejum, a privação alimentar só podia ser quebrada com peixe, pão, queijo, pepino, lentilhas, frutas, etc., estando interditos o vinho e a carne³³.

A maior parte das informações relativas à alimentação ao modo judaico passou pelo espaço restrito da casa dos cristãos novos. Porém, algumas mulheres de origem judaica chegaram a ingressar em conventos, pois nem todos exigiam provas de limpeza de sangue, aí mantendo conversas e práticas da antiga religião que clandestinamente professaram. Tal é o caso de um grupo de freiras do Convento de Santa Clara, de Beja, que, na segunda metade do século XVII, costumavam conversar acerca da necessidade de se manterem ricas e honradas através da manutenção da “lei velha”, concretamente não comendo carne de porco nem peixes sem escamas³⁴. Outros espaços de prevaricação alimentar também podem ser

³³ Sobre as festividades judaicas e os seus significados, cf. TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. A religiosidade judaica. *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua Época. Actas*, v. 5, Porto, Universidade do Porto, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1989, p. 369-380. Sobre a alimentação e o calendário religioso judaicos, cf. DOLADER, Miguel Ángel Motis; BARÓN, María Gloria Díaz; PASCUAL, Francisco Javier; ARAGONÉS, Luísa María Sánchez. Régimen alimentario de las comunidades judias y conversas en la corona de Aragón en la edad media. *Ir Col.loqui d' Història de l' Alimentació a la Corona d' Aragó. Edat Mitjana. Actes*, Lleida. Institut d' Estudis Llerdencs, 1995, p. 205-361.

³⁴ SANTOS, Georgina Silva dos. Entre Jesús y Moisés: el marranismo en los conventos ibéricos durante el siglo XVII. *Historias compartidas. Religiosidad y reclusión femenina en España, Portugal y América. Siglos XV-XIX*. Introdução e Coordenação de MARINAS, María Isabel Viforcos e LÓPEZ LEÓN, Rosalva Loreto. Universidad de León, México, Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades ‘Alfonso Vález Pliego’, Benemerita Universidad Autonoma de Puebla, 2007, p. 200-202.

identificados. Pensemos nos cárceres, onde os *thanis* eram relativamente frequentes. Por exemplo, Maria Lopes efectuou-os quando esteve presa, justificando que assim procedera “como judia”³⁵.

Mas, foi sobretudo no espaço doméstico que *thanis* e outros jejuns ficaram bem documentados. Por exemplo, Marta de Milão e Júlia de Milão confessaram a prática dos jejuns menores³⁶, enquanto Gualaor de Vilhagrã guardou o *yom kippur*, jejuando “ao modo dos judeus sem comer todo o dia ate noute”³⁷. Susana de Valladolid fez o mesmo, declarando que não comera até ao sair da estrela³⁸. O *Purim* foi praticado, de entre outros, por Rodrigo Anes e por Pêro Lopes³⁹.

Além dos jejuns, alguns cristãos novos de judeu continuavam a abster-se do consumo de certos alimentos que consideravam impuros, nomeadamente, porco, coelho, lebre e peixes sem escamas, tais como cação, lampreia e raia, os chamados “peixes de couro”. Havia, assim, os alimentos proibidos e os autorizados (*kascher*). As interdições alimentares obedeciam a diferentes tipos de considerações, tais como, por exemplo, as ligações aos cultos idólatras, a proveniência indevida dos bens por abusiva apropriação ou o carácter impuro. As proibições religiosas acabaram por levar os seguidores da lei mosaica a não consumir não só os já referidos animais, como também a esvaziar as carnes de sangue, o que faziam mergulhando-as em água temperada com sal *meliba*, e a retirar-lhes as gorduras e os nervos das pernas dos carneiros, as landoas⁴⁰. Era-lhes igualmente defeso misturar certos produtos nas preparações culinárias, tais como carne e leite ou seus derivados⁴¹. O azeite era a única gordura permitida. Quando o cheiro forte de certos preparados se fazia sentir, o recurso à queima de uma sardinha ou de um pedaço de lã eram práticas recorrentes, para evitar suspeitas, particularmente quando se confeccionava o *hamín*, ou *adafina*, o prato típico do *sabbat*⁴², tanto mais que os cristãos velhos não hesitavam em denunciar o consumo de carne em

³⁵ *Apud.* DRUMOND BRAGA, Paulo. *A Inquisição nos Açores [...]*, p. 214.

³⁶ Lisboa, Arquivos Nacionais Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Inquisição de Coimbra*, proc. 1750 e 5910, respectivamente.

³⁷ Lisboa, A.N.T.T., *Inquisição de Évora*, proc. 2149.

³⁸ *Idem*, proc. 6135.

³⁹ *Idem*, proc. 9879 e Lisboa, A.N.T.T., *Inquisição de Lisboa*, proc. 1346, respectivamente.

⁴⁰ DOLADER, Miguel Angel Motis. L'alimentation juive médiévale. *Histoire de la Alimentation*, Direcção de Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari, Paris, Fayard, 1997, p. 372.

⁴¹ CASANOVAS, M. Mercè Gras, SAMPER, M. Àngels Pérez. Alimentació i societat a la Catalunya moderna. *Pedralbes*. Revista d'Història Moderna, vol. 11, Barcelona, 1991, p. 45.

⁴² DOLADER, Miguel Angel Motis. L'alimentation juive [...], p. 368. Sobre as diferenças deste prato, consoante as regiões, cf. Ariel Toaff, ‘Manger à la juive’ et ‘manger kascher’. L'alimentation chez les juifs en Italie depuis la renaissance. *Histoire et identités alimentaires en Europe*. Direcção de BRUEGEL Martin e LAURIOUX, Bruno. [s.l.], Hachette, 2002, p. 194-195.

dias defesos, porque lhes tinha cheirado à preparação culinária da mesma.

Pela documentação estudada, o mais visível é o recorrente asco à carne de porco, embora alguns cristãos novos de judeus também a consumissem. Maria Dias considerava os porcos e os que o consumiam grosseiros⁴³. Clara Nunes, segundo denúncia de Maria Antónia, chamava porco ao marido quando ele ingeria carne de suíno, recusando-se a permitir que a criada cozinhasse tal carne junto com a de vaca “trazendo o dicto seu amo hum quarto de marrã, que lhe deram, ella, denunciante, lha guyzaua em panella apartada e o dicto seu amo comya soo, sem a dicta sua ama tocar nella nem a comer. E, ao tal tempo, comya a dita sua ama vaqua, que se cozia em outra panella apartada, sem toucinho. E, como se acabou de comer todo o quarto da marrã, que o dicto seu amo comeo, logo a dicta sua ama deytou a panella pella janella fora e a quebrou”⁴⁴. Grácia Dias Correia não só não consumia carne de porco como, quando alguma vizinha lhe pedia uma panela emprestada, ao recebê-la queimava-a ou quebrava-a “pelo ódio que tinha a dita carne de porco”⁴⁵. Situação semelhante foi denunciada por Maria Álvares. Segundo esta, a sua ama Isabel Nunes destruiu uma panela e o seu conteúdo depois de saber que a criada tinha misturado toucinho ao preparado culinário “ella, declarante, lançou a dicta carne de vaca na panella, com seus grãos, como a dicta sua ama, Isabel Nunez, lhe mandou fazer [...] e lançou ella, declarante, hum pedaço de toucinho na dicta panella pera que cosese com a vaca. E, como foy cozido, ho tirou da panella [...]”. Contudo, o cheiro do toucinho denunciou o acto e Clara interrogou a criada que confessou ter misturado um pedaço de toucinho na comida. A reacção foi imediata, além de ter injuriado a serviçal “tomou ha panella asy como estava ao fogo, com a carne e caldo, e ha lançou per huma janella, que estava sobre o seu quyntal. E se quebrou a dicta panella, e se derramou a carne e ho

⁴³ *Apud.* DRUMOND BRAGA, Paulo. *A Inquisição nos Açores* [...], p. 210.

⁴⁴ *Livro da Inquisição da Cidade do Porto [1564]*. Transcrição de frei António do Rosário, Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1976, p. 9.

⁴⁵ Lisboa, A.N.T.T., *Inquisição de Évora*, proc. 11423.

⁴⁶ *Livro da Inquisição da Cidade do Porto* [...], p. 52.

⁴⁷ *Apud.* Paulo Drumond Braga, *A Inquisição nos Açores* [...], p. 225.

⁴⁸ *Apud.* Isaías da Rosa Pereira, “Subsídios para a história da inquisição em Portugal no século XVI”, *Anais da Academia Portuguesa da História*, 2.^a série, v. 23, t. 2, Lisboa, 1976, p. 245.

⁴⁹ Lisboa, A.N.T.T., *Inquisição de Lisboa*, proc. 14409.

caldo, pello chão, sem se aproveitar ninguém da dicta carne⁴⁶”. Isabel Pinta, por regra, não queria comer carne de porco. Quando o fazia, chegava a ir vomitar no quintal, ao mesmo tempo que recusava comer pão que levasse banha de porco ou ovos fritos naquela gordura⁴⁷.

O não consumo de suínos levava à questão da eleição de uma outra gordura para cozinhar: o azeite, facto que não deixava de ser notado pelos cristãos velhos. Por exemplo, Brígida Jorge denunciou um casal afirmando, “lhes viu em todo o dito tempo lançar na panela da carne que se cozia azeite frito com cebola, e outras vezes azeite era. E não os via nunca comer carne de porco, antes quando se cozia a davam ao diabo, e nem nos pratos em que a dita carne se punha queriam comer, tirando que uma ou duas vezes viu ela comer presunto cozido ao dito Jorge Rodrigues Luís. E em acabando de o comer, pedia logo água para lavar as mãos, dizendo que lhe fedia muito aquela carne. E tiravam sempre a gordura do carneiro e a lançavam fora e davam aos gatos”⁴⁸. Denúncia semelhante foi levada a cabo por uma antiga criada de Ana de Milão. Esta acusou a sua patroa de a mandava cozer a carne de vaca, carneiro e galinha em panela nova “sem lhe meteram carne de porco”, ou em alternativa, outras vezes a mandava “deitar azeite frito com cebolla”. A mesma, costumava recomendar-lhe que nunca lhe dessem, nem a seu marido nem a suas três filhas, carne de porco nem cozinhassem qualquer outra espécie de carne na mesma panela, que já tivesse servido para preparar algum prato de suíno. Apesar disso, mandava comprar carne de porco para as outras pessoas da casa. De qualquer modo, às vezes o marido comia e os filhos também mas ela e as filhas nunca. Uma única vez cozinham uma marrã que alguém dera, mas foram os servidores que comeram a maior parte e o resto foi fora. Outra vez deram um pedaço de bom toucinho a Ana de Milão que o repartiu por mulheres cristãs velhas “dos montes”⁴⁹.

Um pouco diferente seria, eventualmente, a situação de Ana Fernandes, a qual declarou aos inquisidores que “se matavam em casa da ré cada três anos, quatro porcos que ela mandava aparelhar e curar e fazer lingoiças e chouriços e lhe vinham muitos outros de Moura e doutras partes, de maneira que tinha continuamente em sua casa sempre todo o ano carne de porco de que comia o dito licenciado [seu marido] e ela ré e seus filhos. E não se fazia em sua casa manjar de carne em que não fosse a dita carne de porco e toucinho”. Acrescentou ainda que no tempo das lampreias “seu marido e ela ré as encomendavam em Abrantes e em Coimbra e daí lhas mandavam cada ano em empadas e cruas todos os anos. E das que lhes vinham cruas, ela ré as guisava em empadas e assadas e delas comia e delas mandava a seus amigos por o peixe de lampreia ser fruta de certo tempo do ano somente”⁵⁰.

Retirar a gordura e o sangue das carnes também era uma constante. Susana de Valladolid bania toda a gordura da carne e lavava-a para que todo o sangue saísse, antes de a sujeitar a outros preparos. Quando arranjava carneiro “tirava a landoa ou landre ou ingua e ha deitava fora”⁵¹. Isabel Pires preparava a carne de vaca, de modo que ficava “espenycada e tirada toda a gordura fora e posta junto da carne, e separada a carne da gordura”. Nem as tripas de vaca escapavam a este tipo de operações já que, segundo o depoimento de Margarida Rebelo, “asy o fazia as tripas de vaqua, quando as mandava comprar, porque as virava todas o de dentro pera fora e lhe tirava a gordura toda”⁵². Por seu lado, Ana de Milão mandava tirar a gordura e sebo da carne, ainda que fosse de carneiro, ordenando ainda à criada que “desangrara a carne com agoa e sal”⁵³. Segundo outro depoimento, de uma outra antiga criada, quando a carne vinha do açougue, Ana de Milão ou uma sua escrava, Juliana, tiravam toda a gordura e sebo da mesma e ficava “vermelha nua”. A explicação era, que se não fosse assim, o marido não conseguia

⁵⁰ *Apud.* António Borges Coelho, *Inquisição de Évora* [...], v. 1, p. 208.

⁵¹ Lisboa, A.N.T.T., *Inquisição de Évora*, proc. 6135.

⁵² *Livro da Inquisição da Cidade do Porto* [...], p. 24.

⁵³ Lisboa, A.N.T.T., *Inquisição de Lisboa*, proc. 14409.

“comer as soppas”. Um dia quando soube que a escrava dera a gordura e o sebo a uma caseira da quinta da Palma “deu muita pancada na ditta Juliana”, porque dizia que não queria que se soubesse o que ela fazia em casa. Para a cozinhar a escrava tomava uma cebolinha picada ou uma dúzia de favas, quando era tempo delas, e frigia tudo em azeite, lançando depois a carne na panela⁵⁴.

A já referida prática judaica, de queimar massa de pão ao lume, ficou igualmente documentada. No processo de Maria Lopes, segundo uma das testemunhas, a ré deitava ao lume “pequenos de massa” e fazia “certos pilouros de massa como arriozes”⁵⁵; numa denúncia contra Clara Nunes, feita por Maria Antónia, pode ler-se que aquela “vya muitas vezes, lançado no lar, hum pedaço de massa de pão molete ou de regueyfá, nas brasas do lar a queimar”⁵⁶.

O modo de abater as reses também era diferente, se tivermos como ponto de comparação os cristãos velhos. Para os seguidores do judaísmo, os animais deveriam ser mortos com uma faca bem afiada que cortasse o animal de alto a baixo ao mesmo tempo que se pronunciava uma oração. O sangue era totalmente desaproveitado. A carne assim obtida era a única que respeitava as determinações da lei mosaica. Gil Vaz Bugalho foi acusado de não querer consentir que lhe matassem galinhas nem cordeiros em casa, “antes os mandava matar a casa de algum cristão-novo para que lhos matassem e degolassem segundo o costume e o rito dos judeus”⁵⁷. Por seu lado, Ana Fernandes denunciou um casal, afirmando que a cristã nova tirava a gordura da carne e degolava a as aves cobrindo a terra com sangue ou a cinza do animal⁵⁸.

O cerimonial à mesa compreendia uma bênção com a mão aberta antes de iniciar a refeição, durante a qual se tomava vinho e se comia um pedaço de pão e uma acção de graças quando se finalizava o repasto. Obviamente que a língua utilizada era o hebraico. Porém, este tipo de actuação não está documentado

⁵⁴ Lisboa, A.N.T.T., *Inquisição de Lisboa*, proc. 14409.

⁵⁵ *Apud.* Paulo Drumond Braga, *A Inquisição nos Açores* [...], p. 215.

⁵⁶ *Livro da Inquisição da Cidade do Porto* [...], p. 9.

⁵⁷ *Apud.* António Borges Coelho, *Inquisição de Évora* [...], p. 208.

⁵⁸ *Apud.* Paulo Drumond Braga, *A Inquisição nos Açores* [...], p. 232.

com frequência e terá tido tendência a ser pouco praticado.

Na mais importante festividade do calendário judaico, a *Páscoa de Pessab*, vulgarmente designada por Páscoa do pão ázimo ou do cordeiro, os cristãos novos de judeus desenvolviam um conjunto diversificado de actividades durante os oito dias de celebração. Caiavam as casas, usavam roupa nova, adquiriam louça nova e louça vidrada, para confeccionar e comer as refeições pascais, tendo-as previamente mergulhado três vezes em água e comiam cordeiro, pão ázimo (isto é, pão não levedado)⁵⁹, alfaces, alho-porro, e aipo, uma vez que deveriam ingerir alimentos amargos. As frutas secas também estavam presentes, nomeadamente através de um prato denominado *allaroset*, composto por amêndoas, nozes, bolotas, castanhas, avelãs, figos, pão moído e vinagre⁶⁰.

Catarina Rodrigues além de ter feito pão ázimo, preparou “argollas e roscas sem sal” e explicou que tinha ouvido dizer que os judeus comiam o referido pão pela Páscoa “pela sayda do Egipto porque quando sayrom do catyveyro do Egipto tyraram as massas feytas”⁶¹. Isabel Pinta, depois de ter incentivado Graça Rodrigues a voltar à prática do judaísmo, mandou-lhe pão ázimo, o qual não foi do agrado da presenteadora. A resposta não se fez esperar: “era bom comer os dittos bollos asmos pera guardar a ditta paschoa por honra da lei de Moises pera que Deos lhe desse saude porque ella estava doente”⁶². Rodrigo Anes declarou que celebrava a *Páscoa de Pessab* e comprava panelas e loiças novas⁶³. O mesmo fazia Florença Fernandes, a qual “nam consentia que lhe fizessem de comer na louça que dantes seruya por casa, mas antes mandava, na dicta Somana, comprar louça nova, asy tigellas e panellas de fogo e seus testos tudo novo”⁶⁴. Além dos novos utensílios, a alimentação praticada então também apresentava características diferenciadas da que era cozinhada no resto do ano, segundo denúncia de Isabel Antónia, “na dicta somana

⁵⁹ Sobre os diferentes tipos de pão ázimo, cf. Miguel Angel Motis Dolader, “L’Alimentation Juive [...]”, p. 374.

⁶⁰ Maria José Pimenta Ferro Tavares, *A Religiosidade Judaica [...]*, p. 372-373.

⁶¹ Lisboa, A.N.T.T., *Inquisição de Évora*, proc. 7957.

⁶² Lisboa, A.N.T.T., *Inquisição de Lisboa*, proc. 1841.

⁶³ Lisboa, A.N.T.T., *Inquisição de Évora*, proc. 9879.

⁶⁴ *Livro da Inquisição da Cidade do Porto [...]*, p. 56.

⁶⁵ *Livro da Inquisição da Cidade do Porto* [...], p. 56.

de Ramos, comya castanhas e grãos e verdura *scilicet*, alfaces e celadas, que guyzava na dicta louça nova⁶⁵.

Ana Fernandes foi acusada de práticas judaicas. No intuito de provar a sua inocência, deu conta que festejava a Páscoa mas a católica mandando fazer “muito pão molete e de calo e rosquilhas folhadas com manteiga e queijadas e muitos folares porque, de seis ou sete anos a esta parte, lhe mandam sempre cada ano na somana maior, de Leiria e de Alcobaça e doutras partes, cortiças d’ ovos e todos fazia como fazem os outros fiéis cristãos e os mandam cozer aos fornos e os repartia com os curas e clérigos de suas paróquias onde vive⁶⁶”.

⁶⁶ *Apud.* António Borges Coelho, *Inquisição de Évora* [...], v. 1, p. 209.

4. Como não nos restam livros de receitas de cristãos novos dos séculos XVI e XVII, as maneiras de conhecer os consumos alimentares passam por documentos diversos, nomeadamente por processos da Inquisição. De qualquer modo, o primeiro livro de culinária impresso em Portugal, a *Arte de Cozinha* de Domingos Rodrigues, impresso em 1680, apresentou uma receita intitulada mãos de porco de judeu, o que só pode ser entendido como uma brincadeira de gosto duvidoso, uma vez que tal receita não poderia ser um prato típico daquela minoria étnico religiosa que, como vimos, por regra, não consumia carne de porco⁶⁷.

⁶⁷ RODRIGUES, Domingos. *Arte de cozinha*. Leitura, apresentação, notas e glossário por Maria da Graça Pericão e Maria Isabel Faria. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987, p. 105

Os seguidores da lei de Moisés amassavam o pão à sexta-feira, para guardar o sábado, altura em que comiam também outros alimentos preparados na véspera – especialmente o *hamim* ou *adafina* – consumiam pão ázimo, usavam como gordura o azeite, faziam alheiras com carne de galinha que colocavam no fumeiro para parecerem ter em casa os enchidos de porco típicos das casas dos cristãos velhos, consumiam especialmente carneiro, vaca e galinha e praticavam um ritual próprio às refeições. Durante os séculos XVI e XVII, se a manutenção dos hábitos e costumes alimentares diferenciados foi uma

realidade, em algumas pessoas, as marcas de aculturação também se começaram a fazer sentir, nomeadamente através da ingestão de carne de suíno, uma dos sinais mais evidentes de integração.

As práticas alimentares, quer as da maioria cristã velha quer as das minorias, concretamente as dos cristãos-novos, têm que ser entendidas não apenas como consumo material de alimentos mas também como representações culturais figurativas e simbólicas⁶⁸. Isto é, pela alimentação passavam e passam, necessariamente, questões de identidade. A inclusão ou exclusão de determinados alimentos é de extrema importância e, no caso em estudo, são sobretudo as mulheres as mais directamente responsáveis pela transmissão das práticas e dos interditos, tanto mais que, tachos e panelas eram assuntos femininos.

⁶⁸ Sobre estas questões, cf. TOMASIK, Timothy J.; VITULLO, Juliann M. *At the Table: metaphorical and material cultures of food in medieval and early modern Europe*. Direcção de TOMASIK, Timothy J.; VITULLO, Juliann M. , Turnhout (Bélgica): Brepols, 2007, p. XII.

Referências

ABITOL, Michel. Juifs d'Afrique du nord et expulsés d'Espagne après 1492. *Revue de l'Histoire des Religions*, tomo 210, fasc. 1, Paris, 1993, p. 49-90.

AYOUN, Richard. Un médecin marrane au service de la couronne de France: Elie de Montalto. *Inquisição*. Comunicações apresentadas ao 1.º Congresso Luso-Brasileiro sobre Inquisição. Coordenação de Maria Helena Carvalho dos Santos, vol. 1, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, Universitária Editora, 1989, p. 73-91.

AZEVEDO MEA, Elvira Cunha de. *A Inquisição de Coimbra*. A Instituição, os homens e a sociedade. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1997.

AZEVEDO, Pedro de. Denúncias contra os cristãos-novos de Londres contra o embaixador português naquela Corte. *Boletim da Segunda Classe*, v. 9, n. 2, Lisboa, 1914, p. 461-464.

ASCENSO, Carlos André. Um Judeu no desterro. Diogo Pires e a memória de Portugal. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992.

BAIÃO, António. *A Inquisição de Goa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1949. v. 1.

BERFELD, Tirtsah Levie. Policy patterns towards the poor in the Spanish Portuguese Jewish Community of the 17th century Amsterdam. In: *O Judaísmo na cultura ocidental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p. 25-32.

BERQUÉ, Jacques. Des ‘marranos’ musulmans à fez ? Mélanges en honneur de Fernand Braudel. (*Histoire Économique du Monde Méditerranéen 1450-1650*), Paris: Privat, 1973, p. 123-135. v. 1.

BRANDÃO, João (de Buarcos). *Grandeza e abastança de Lisboa em 1552*. Organização e notas de José da Felicidade Alves. Lisboa: Horizonte, 1990.

BRAUDEL, Fernand. Alimentation et catégories de l’histoire. *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*, vol. 16, n. 4, Paris, 1961, p. 723-728. Novamente publicado in *Food and History*, v. 1, n. 1, Tours, 2003, p. 23-30.

_____. *Civilização Material, Economia e Capitalismo* (séculos XV-XVIII). (As Estruturas do Quotidiano. O possível e o impossível). Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992. v. 1.

CARVALHO, Alfredo de. Os portugueses em Bordéus no século XVII. *O Instituto*, vol. 90, Coimbra, 1936, p. 149-171 (continuado no v. 91, p. 452-472 e no v. 93, p. 114-185).

CASANOVAS, M. Mercè Gras; SAMPER, M. Àngels Pérez. Alimentació i societat a la Catalunya moderna. *Pedralbes*. Revista d’Història Moderna, v. 11, Barcelona, 1991, p. 45.

COELHO, António Borges. Gabriel da Costa: um exilado e banido 'exemplar'. Clérigos, mercadores, "judeus" e fidalgos. *Questionar a história - II*, Lisboa: Caminho, 1994.

COELHO, António Borges. *Inquisição de Évora*. Dos primórdios a 1668. Lisboa: Caminho, 1987. 2 v.

DOLADER, Miguel Ángel Motis; BARÓN, María Gloria Díaz; PASCUAL, Francisco Javier; ARAGONÈS, Luísa María Sánchez. Régimen alimentario de las comunidades judías y conversas en la corona de Aragón en la edad media. *Ir Col·loqui d' Història de l' Alimentació a la Corona d' Aragó. Edat mitjana. Actes*, Lleida, Institut d' Estudis Llerdences, 1995, p. 205-361.

DOLADER, Miguel Angel Motis. L'Alimentation juive médiévale. *Histoire de la alimentation*, Direcção de Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari. Paris: Fayard, 1997.

DRUMOND BRAGA, Isabel M. R. Mendes. A alimentação das minorias no Portugal quinhentista. *Do primeiro almoço à ceia*. Estudos de história da alimentação. Sintra: Colares, 2004.

DRUMOND BRAGA, Isabel M. R. Mendes. *A herança das Américas em Portugal*. Trópico das cores e dos sabores. Lisboa: CTT Correios, 2007.

DRUMOND BRAGA, Isabel M. R. Mendes. Alimentação e sociabilidade à mesa: um percurso historiográfico recente. 1.º Colóquio de História e Cultura da Alimentação: *Saber e Sabor...História, Comida e Identidade* – Curitiba (Paraná), 2007, no prelo.

_____. O peixe na dieta alimentar dos portugueses, *Do primeiro almoço à ceia*. Estudos de história da alimentação. Sintra : Colares, 2004.

_____. Uma estranha diáspora rumo a Portugal: judeus e cristãos-novos reduzidos à fé católica no século XVII. *Sefarad*, ano 62, fasc. 2, Madrid, 2002, p. 259-274.

DRUMOND BRAGA, Paulo. *A Inquisição nos Açores*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1997.

DRUMOND BRAGA, I. M. R. Judeus e cristãos-novos: os que chegam, os que partem e os que regressam. *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n. 5, Lisboa, 2005, p. 9-28.

FABIÃO, Luís Crespo. Subsídios para a história dos chamados 'judeus portugueses' na indústria dos diamantes em Amsterdão nos séculos XVII e XVIII, *Revista da Faculdade de Letras*, 3.ª série, n. 15, [Lisboa], 1973, p. 455-519.

FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha e. Os judeus portugueses e a aristocracia inglesa. *Presença de Portugal no mundo*. Actas do Colóquio, Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1982, p. 87-97.

FONTOURA, Otilia Rodrigues. *As clarissas na madeira*. Uma presença de 500 Anos. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000, p. 199-201.

IGNACE, Jean-Claude. Yan laborie, Approche du régime alimentaire des moines dans les couvents franciscains, dominicains et carmes de Bergerac à la fin du XVIII^e siècle. *Du bien manger et du bien vivre à travers les ages et les terroirs*. Pessac: Maison des Sciences de l'homme d' Aquitaine, 2002, p. 263-299.

KAPLAN, Yosef. La diáspora. judeo-española-portuguesa en el siglo XVII: tradición, cambio y modernización. *Manuscrits*. Revista d'Historia Moderna, n. 10, Bellaterra, 1992, p. 77-89.

Les registres des délibérations de la nation juive portugaise de Bordeaux (1711-1787), introdução e notas de Simon Schwarzfuchs. Paris: Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

Lisboa, Arquivos Nacionais Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Inquisição de Coimbra*, proc. 1750 e 5910.

LEVI, Joseph Abraham. A diáspora sefardita nas Américas durante os séculos XVII e XVIII. *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n. 1, Lisboa, 2001, p. 27-63.

LIPINER, Elias Lipiner. Os Conversos refugiados na África Quinhentista. Descrição por um autor português Coevo. *Os Baptizados em pé*. Estudos acerca da origem e da luta dos cristãos-novos em Portugal. Lisboa: Vega, 1998, p. 297-315.

LOUREIRO, Francisco de Sales. *Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve*. A alteração das linhas de Força da Política Nacional. Texto do cronista João Cascão, Lisboa, Horizonte, 1984, p. 121.

MENDES, David Franco e MENDES, J. dos Remédios. *Os judeus portugueses em Amesterdão*. Edição fac-similada das edições de 1911 e 1975, com estudo introdutório de M. Cadafaz de Matos e H. P. Salomon, Lisboa, Távola Redonda, 1990.

MONTENEGRO, Enrique Cantera. El asentamiento de judíos castellanos en el norte de África tras la expulsión de 1492: causas y consecuencias. *Congreso Internacional El Estrecho de Gibraltar*. Madrid, 1988, p. 277-288. v. 2.

MORTARA, Saul Levi. *Tratado da verdade da lei de Moisés*. Escrito pelo seu próprio punho em português em Amesterdão. 1659-1660. Edição fac-similada e leitura do autógrafo, com introdução e comentários de H. P. Salomon, [Coimbra], Universidade de Coimbra, 1988.

MUTGÉ, Josefa i VIVES. L'abastament de peix i carn a Barcelona, en el primer terç del segle XIV. *Alimentació i societat a la Catalunya medieval*. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1988, p. 110.

NAHON, Gerard. Les "nations" juives portugaises du sud-ouest de la France (1684-1751). *Documents*. Paris: Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

Ordenações Manuelinas. Reprodução *fac-simile* da edição de 1797. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, livro II, tít. 41, p. 212-214.

Os judeus portugueses e a expulsão. Catálogo da Exposição evocativa dos 500 anos da expulsão dos judeus de Portugal. Coordenação de Lúcia Liba Mucznik, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1996, p. 25.

PESET, Jean-Marie. A história da cultura material. *A nova história*. Direção de Jacques Le Goff; Roger Chartier e Jacques Revel. Tradução de Maria Helena Arinto; Rosa Esteves. Coimbra: Almedina, 1990, p. 110-143.

PINTO, Maria do Carmo Teixeira. *Os cristãos-novos de elvas no reinado de D. João IV. Heróis ou anti-heróis?* Lisboa. Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Universidade Aberta, 2003.

ROCHA BEIRANTE, Maria Ângela V. da. *Santarém Quinhentista*. Lisboa, [s.n.], 1981, p. 247-252.

RODRIGUES, Domingos. *Arte de cozinha*. Leitura, apresentação, notas e glossário por Maria da Graça Pericão e Maria Isabel Faria. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987, p. 105.

SANTOS, Georgina Silva dos. Entre Jesús y Moisés: el marranismo en los conventos Ibéricos durante el siglo XVII. *Historias compartidas*. Religiosidad y reclusión femenina en España, Portugal y América. Siglos XV-XIX. Introdução e Coordenação de MARINAS, María Isabel Viforcós E LÓPEZ LEÓN, Rosalva Loreto. Universidad de León. México: Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades 'Alfonso Vélaz Pliego', Benemerita Universidad Autónoma de Puebla, 2007, p. 200-202.

SALOMON, H. P. *Os primeiros portugueses de Amesterdão*. Documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo: 1595-1600, Braga, Barbosa & Xavier, 1983.

_____. Myth or Anti-Myth? The oldest accounts concerning the origin of portuguese judaism at Amsterdam. *Études Portugaises / Portuguese Studies*. Braga: Barbosa & Xavier, 1990.

SÃO PAYO, Conde de. Subsídios para a história dos judeus portugueses nos países baixos. O hebreu Diogo Teixeira de Sampaio e a Carta de Brasão do Jonkeer Eduardo Teixeira de Matos. *Arquivo Histórico de Portugal*. Lisboa, 1936-1937, p. 445-465. v. 2.

SÃO PAYO, Conde de. Novos subsídios para a história dos judeus portugueses nos países baixos. *Arquivo Histórico de Portugal*. Lisboa, 1937-1938, p. 257-262. v. 3.

SERRA, João Simões. *Subsídios para a história dos judeus portugueses em França*. A Comunidade de Baiona. Lisboa. Dissertação de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, exemplar mimeografado, 1963.

TAVIM, José Alberto Rodrigues da Silva. *Os judeus na expansão portuguesa em Marrocos durante o Século XVI*. Origens e actividade duma comunidade. Braga: APPACDM Distrital de Braga, 1997.

TAILLAND, Michèle Janin-Thivos. *Inquisition et Société au Portugal*. Le cas du tribunal d' Évora 1660-1821. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 2001.

TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. *Os judeus em Portugal no Século XV*, vol. 1, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1982, p. 484-500.

_____. A religiosidade judaica. *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua Época. Actas*, vol. 5, Porto, Universidade do Porto, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1989, p. 369-380.

_____. *Los Judios en Portugal*. Tradução de Mario Merlino. Madrid: Mapfre, 1992.

TEESMA, Benjamim N. *Os judeus portugueses em Amesterdão*. Flandres e Portugal na confluência de duas culturas. Direcção de J. Everaert e E. Stols, [s. l.], INAPA, 1991, p. 275-287.

THEMUDO BARATA, Maria do Rosário de Sampaio. A Gazeta de Amsterdam de 1675 e as suas notícias de Portugal. Um centenário esquecido. *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris, 1975, p. 287-317. v. 9.

TOMASIK, Timothy J.; VITULLO, Juliann M. *At the table: metaphorical and material cultures of food in medieval and early modern Europe*. Turnhout (Bélgica): Brepols, 2007, p. XII.